

**XIX  
CONBRACE**  
**VI CONICE**  
08 a 13 de setembro de 2015  
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE  
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:  
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO  
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

## AVALIAÇÃO DA IMAGEM CORPORAL: PROJEÇÕES ENTRE O REAL, IDEAL E DESEJADO EM ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Juliana Alves Sorrilha Monteiro  
Isabele Fererira Santos  
Simone Freitas Chaves

### RESUMO

*O estudo avaliou a imagem corporal real e projetada em 44 estudantes do ensino fundamental, através da escala de silhuetas para crianças (KAKESHITA, 2008). Identificou-se diferença estatística entre os gêneros, mostrando uma maior insatisfação entre as meninas e indicando possíveis relações com os padrões de corpo hegemônicos veiculados de forma globalizada.*

*PALAVRAS-CHAVE: Imagem corporal; mídia; insatisfação corporal.*

### INTRODUÇÃO

Este estudo se desenhou a partir de muitas das inquietações no percurso de pesquisa e práxis pedagógica de um projeto de extensão universitária que propõe a discussão de questões relativas ao corpo e suas relações socioculturais no ambiente escolar. Entre tantos propósitos, o projeto pretende compreender as representações que crianças e adolescentes possuem sobre o corpo, que vão emergindo e se materializando a partir das dinâmicas desenvolvidas.

Ao longo de vários anos de intervenção sob esta ótica, temos percebido o quanto crianças e adolescentes têm projetado uma imagem de si, em diferentes níveis, sem referência do real, expressando em suas projeções dados objetivos como a cor da pele, cabelos, composição e aparência, distantes do seu referencial corporal. Estes dados têm convergido e se reafirmado pelo uso de diferentes abordagens para a compreensão destas representações de corpo, porém sempre com propostas subjetivas, o que, em algum momento, tem sido um fator limitador para comparação destes resultados.

A utilização de testes com o intuito de avaliar a imagem corporal se origina no campo clínico. As conclusões eram produzidas a partir de relatórios de experiência de pacientes com distúrbio comportamental, como anorexia, e testes projetivos registrados por pesquisadores.



Posteriormente, outras pesquisas<sup>1</sup> identificaram novas percepções sobre a Imagem do Corpo advindas de componentes sensoriais (táteis, cinestésicas e visuais somados a intensidade do estímulo, a atenção e deficiências visuais) e não-sensoriais (caráter cognitivo e afetivo refletindo as crenças e o conhecimento a respeito do próprio corpo). Este novo método considerava que a percepção da Imagem corporal não era um mero desafio de enxergar bem, e sim, captar e interpretar o que era visto de acordo com a identidade corporal do sujeito (KAKESHITA, 2008). Além disso, a percepção da imagem corporal passa a ser compreendida como um importante componente da autoestima desde a infância. Esta percepção do corpo é indispensável para a interação do ser humano com o ambiente em que se insere.

Ajustando o foco para as discussões no campo da imagem corporal, Schilder (1999) indica que as ações das outras pessoas podem provocar sensações influenciando por meio de palavras e atitudes a formação da imagem corporal. Portanto, ela pode ser constituída de acordo com as experiências obtidas por meio das ações e atitudes do outro. O autor explica que é através das adaptações fisiológicas e cinestésicas que a Imagem corporal é produzida. Alves (2007) reafirma essa forma de pensar a Imagem Corporal, definindo-a como a representação mental do corpo que não constitui uma mera percepção, mas uma integração entre o indivíduo e o meio externo.

Le Breton (2009, 2011) aponta que não se pode afirmar uma concordância sobre uma única ideia de corpo. Desta forma, este objeto de estudos apresenta-se muito peculiar, devido à sua natureza inapreensível ocultada pela materialidade a que pertence. Para o autor o corpo não existe em estado natural, sempre está compreendido na trama social de sentidos (2009, p.32).

Sendo assim, o corpo tratado neste estudo é entendido como eixo da relação entre sujeito e mundo, em diferentes perspectivas: histórica, social, política, antropológica etc. Compreender este corpo implica em debruçar-se a analisar as práticas cotidianas que subsidiam os símbolos, signos e significados que tecem um imaginário social e constituem certa noção de corpo.

<sup>1</sup> Segundo Smeets (1997) diferentes concepções de percepção são adotadas nos estudos de imagem corporal. Essas concepções se diferenciam pelo meio no qual o sujeito se percebe visual, tátil ou cinestésicamente; Crisp e Kalucci (1974) passaram a investigar a influencia do contexto social na avaliação perceptiva; Ben-Tovin, Whitehead e Crisp (1979) e Thompson (1987) concluíram que os métodos que avaliavam o corpo inteiro apresentavam maior proximidade com o real do que métodos que permitiam avaliar partes do corpo.



Corroborando essa perspectiva, a psicoterapeuta e psicanalista, Susan Orbach (2010), apresenta uma importante contribuição para os desdobramentos desta percepção de corpo a partir da sua experiência no campo clínico e em pesquisas realizadas em todo o mundo sobre o tema, discutindo fenômenos relativos a formas muito singulares de ser, pensar e agir com o corpo características dos tempos atuais. Citando as revistas femininas, nos protótipos de magreza que circulam, diz que muito provavelmente nos causariam horror há muito pouco tempo atrás, pois nos remeteriam às vítimas da fome.

Na sua prática profissional, percebe o impacto de todos esses apelos à transformação corporal, os seus pacientes não chegam com problemas corporais concretos, porém seja qual for a dificuldade e os conflitos emocionais, a preocupação com o corpo está presente, como se fosse habitual contar uma história em que a insatisfação corporal assume todo o protagonismo.

Apesar das pessoas não admitirem a interferência excessiva das pressões externas, a autora infere que há uma teia sutil que nos influencia dando lugar a uma relação conflituosa com nossos corpos, frequentemente caracterizada pela insatisfação.

A ideia de ruptura da biologia como destino vai se instaurando<sup>2</sup>, levando a crença de que onde existe um problema (percebido como tal), também existe a possibilidade de solução corporal. Tanto a crença no corpo perfeito, quanto a possibilidade de melhorá-lo não resultaria problema, não fosse as distorções e exageros que tem convertido o corpo em uma fonte de sofrimentos e graves problemas. Para a autora, tal fenômeno já alçou o status de ser considerado um problema de saúde pública.

Ao longo das últimas décadas essas questões ligadas à aparência e estética corporal vêm ganhando força nas discussões acadêmicas. Tais questões interferem na formação do sujeito em suas formas de pensar e agir, inserindo-nos em uma teia de relações, em que o corpo passa a ser um signo de identidade, ainda que provisória, como discutiria Le Breton (2003). Este sentimento se encontra matizado nos diferentes grupos sociais e cada vez mais pulsante nas crianças e adolescentes.

Para Le Breton (2009) é o contexto social e cultural em que o ator se insere que definirá as maneiras de pensar e agir daquele sujeito. Baseando-se em uma perspectiva sociológica, o corpo será o “vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída” (p.7).

---

<sup>2</sup> Tese amplamente discutida por David Le Breton em sua obra Adeus ao corpo (2003).



A preocupação com agentes externos discutidas por Orbach (2010) ganha aspectos concretos nesta pesquisa, onde os resultados mostram uma representação projetada de corpo, ligada a padrões estéticos mais magros do que os que representariam os valores de IMC real para esses sujeitos. Diante disso, Thompson *et al* (1997) contribui ao analisar as atitudes das crianças frente à magreza, constatando que elas adquirem os valores culturais de beleza antes da adolescência e que o anseio de ser magro é desejável antes da beleza.

Diante disso, esta pesquisa avaliou a imagem corporal ideal e desejada de crianças e adolescentes estudantes da rede pública de educação do Estado do Rio de Janeiro, correlacionando-as com a sua imagem real, estimada pelo IMC aferido, como forma de identificar a percepção destes sujeitos sobre o próprio corpo.

## MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa possui uma abordagem quantitativa. A amostra foi constituída por 44 sujeitos, sendo 21 meninas e 23 meninos com média etária de  $\pm 12,09$  anos, regularmente matriculados no 6º e 7º anos da rede pública de ensino no município de Nova Iguaçu/RJ.

Para avaliação da imagem corporal utilizou-se como instrumento a escala de silhuetas da imagem corporal de Kakeshita (2008) desenvolvida para crianças brasileiras e o seu protocolo de aplicação. O teste é formado por 11 fichas contendo diferentes silhuetas, cada uma representando uma média de IMC, variantes de  $12\text{kg/m}^2$  (na ficha 1) a  $29\text{kg/m}^2$  (na ficha 11). Os intervalos entre as fichas apresentam uma variação constante de IMC de  $1,7\text{kg/m}^2$ , a altura é fixa de 140,15 cm para meninos e 141,25 para meninas.

As fichas são dispostas em ordem crescente de IMC com as silhuetas identificadas por números em seu verso, específicas para cada gênero. Os alunos foram convidados a escolher: 1) Qual das imagens apresenta o corpo mais parecido com o(a) seu(a)? (silhueta que acha ser a mais parecida com a sua), 2) Em seguida, identificar qual figura apresenta o corpo que ele(a) gostaria de ter (silhueta desejável), 3) E, por último, identificar qual a silhueta considera ideal para indivíduos da sua idade (silhueta ideal). Essas escolhas foram confrontadas com o IMC real da amostra, identificando a partir da coleta de peso e altura de cada sujeito. Para tanto, foram utilizadas a balança de vidro, modelo KALA digital 150 Kg, e a Fita corrente de 150 cm. Foram aferidos e anotados o peso e estatura em posição ereta, de costas a uma superfície lisa sem rodapé, sem calçados ou agasalhos.

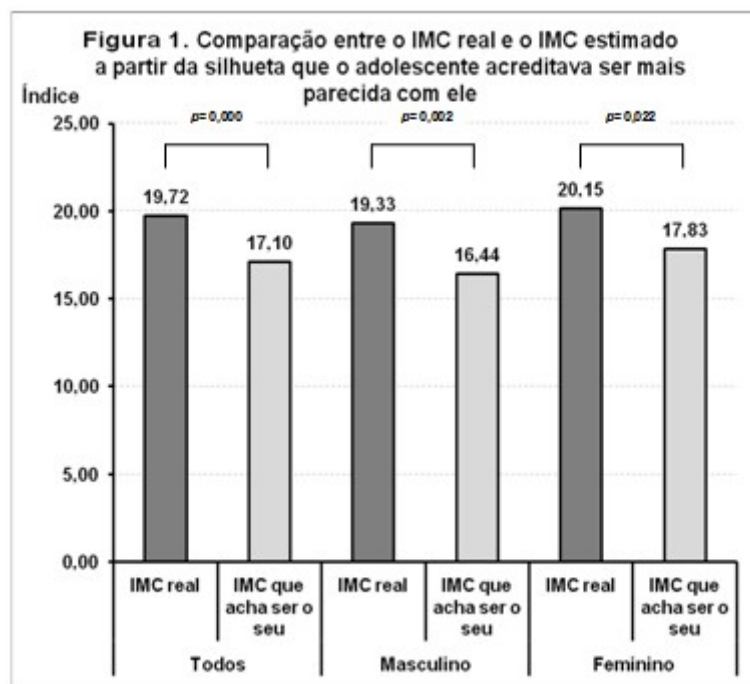


Para comparação entre as médias dos valores de IMC masculino e feminino foi utilizado o teste t de *student*. Quando houve a comparação das médias dos diferentes “IMCs” se utilizou o teste t *student* pareado. Foi adotado o valor de significância  $p < 0,05$ .

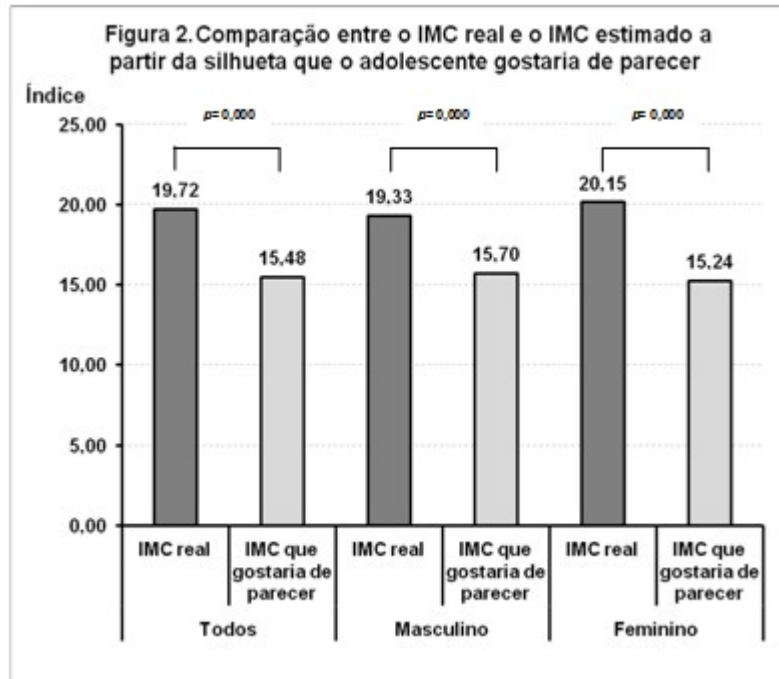
Os integrantes da amostra representavam todos os onze (11) intervalos de IMC presentes nas escalas de silhuetas adaptada para crianças brasileiras.

## RESULTADOS

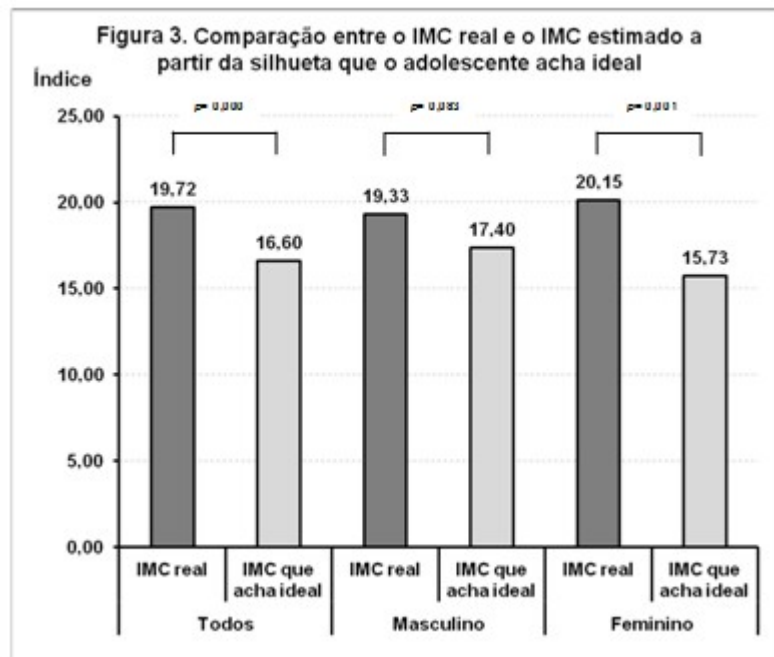
Ao analisarmos a primeira tabela de resultados (IMC real e IMC que acha ser o seu) na figura 1, pode-se observar diferença significativa ( $p=0,000$ ) na amostra. A análise dos grupos pareados apresenta diferença significativa na percepção de corpo tanto para meninos ( $p=0,002$ ) quanto para meninas ( $p=0,022$ ), tendo o valor do IMC estimado para a silhueta percebida como real menor do que o valor estimado do IMC real.



A figura 2 aponta diferença estatística ( $p=0,00$ ) nos três grupos da amostra (todos, masculino e feminino), apresentando um valor de IMC da silhueta desejável inferior ao valor do IMC real.



Na figura 3, ao comparar o valor de IMC da silhueta ideal com o valor do IMC real, o IMC real apresenta-se superior ao ideal em todos os três grupos, porém a amostra e o grupo feminino são os que indicam diferenças estatística ( $p=0,000$  e  $p=0,001$ ).



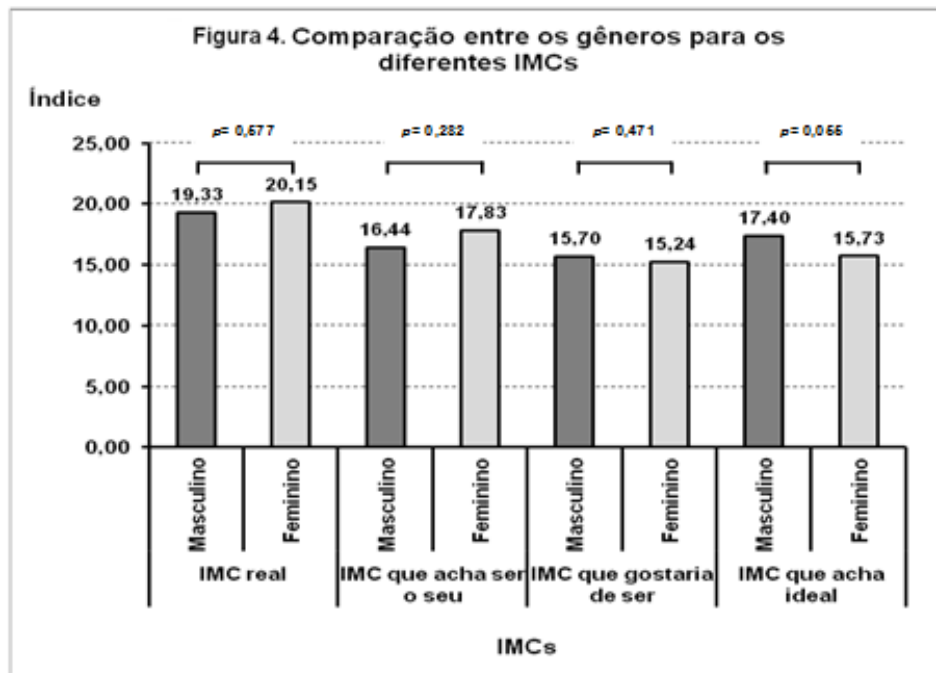
Na

figura 4

apresentamos as três questões do protocolo e identificamos que não há diferença significativa entre os gêneros quando questionados sobre qual a silhueta mais parecida com seu corpo e em relação à segunda questão (ao corpo que gostariam de ter) também não



houve diferença significativa. Entretanto, quando questionados sobre qual a silhueta ideal para o seu respectivo gênero houve diferença estatística ( $p=0,055$ ), apontando um IMC menor para as meninas em relação aos meninos.

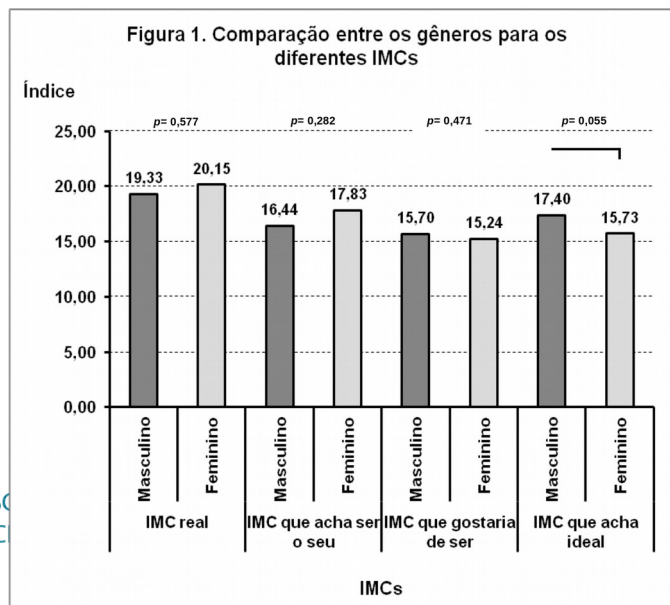


Os resultados obtidos desta intervenção nos levam a compreender um descontentamento com o próprio corpo emergente neste grupo, apresentando-se de maneira mais exacerbada em meninas do que meninos.

## DISCUSSÃO

Os símbolos e signos ligados a noção de 'corpo produto' tem incorporado uma naturalização no contemporâneo. como principal pela veiculação de de beleza *al*, 2009), os como belos e sempre

cenário Tendo a mídia responsável certos padrões (PEREIRA *et* corpos aceitos desejados estão apresentáveis





nos meios de comunicação através de imagens do corpo com características semelhantes: magro, atlético, pele branca, cabelos lisos, olhos claros entre outras características eurocêntricas que se distanciam da diversidade corporal.

No universo infantil este cenário não se difere muito, isso nos sugere uma reprodução social de padrões corporais pautados na dicotomia cartesiana e na lógica do consumo. O corpo, capital simbólico, passa a ser protagonista dos mecanismos midiáticos.

Não por acaso, ao longo de inúmeras intervenções pedagógicas dentro do projeto de extensão universitária, os resultados apresentaram-se repetitivos quanto ao descontentamento com o corpo em grupos de crianças e adolescentes. Neste sentido, Costa *et al* (2009) contribuem com a discussão quando identifica que um padrão de beleza imposto aumenta cada vez mais a insatisfação com a imagem corporal.

Pereira *et al* (2009) investigaram a imagem corporal na infância e destacaram que o acesso à mídia de crianças e adolescentes australianos gera uma exposição maior a um padrão de beleza magro e definido, e desta forma leva esses jovens a apresentarem maior insatisfação com a imagem corporal em detrimento do excesso de peso. Os mesmos autores constataram também que existe uma tendência crescente de adolescentes, mesmo com peso normal, estarem insatisfeitos com sua forma física e explicam este fato à grande divulgação pela mídia de certos padrões de beleza entre diferentes grupos etários e classes sociais.

Em nossos resultados podemos identificar a reafirmação de um padrão magro sendo exacerbado quando os sujeitos apontam para todas as questões do protocolo uma silhueta estimada com valor inferior ao IMC real dos mesmos, tanto na questão ligada a percepção da silhueta real quanto para as questões projetivas.

É notório o papel das mídias em massificar certos padrões de beleza e estética corporal. Para além dessas questões explícitas, podemos considerar que características corporais que se distanciam destes padrões estéticos são tratadas como não aceitas.

Neste enredo, esta pesquisa aponta que a silhueta projetada (desejável e ideal) apresenta valores diferentes ao da silhueta estimada como real. Reafirmando os resultados anteriores advindos de estudos de cunho qualitativo em que os sujeitos, meninos e meninas, com diferentes características corporais, pertencentes a diferentes classes sociais, identificam como ideal um único padrão de beleza, em todos os grupos ligados a magreza.

Em contrapartida, os padrões tratados como não aceitos e fundamentais à diversidade inerente ao ser humano, como a forma do cabelo, cor da pele, traços da etnia,





entre outras especificidades que o corpo objeto de individuação<sup>3</sup> carrega, e neste protocolo limitam-se a silhueta corporal, continuam sendo desconsiderados pela indústria midiática e ratificam práticas sociais excludentes baseadas em uma visão dicotômica entre corpo e mente, divino e profano, certo e errado, belo e feio, bom e ruim embasadas por um pensamento iluminista.

Em um cenário contemporâneo as questões ligadas ao corpo não estão distantes das apontadas anteriormente, Le Breton (2011) afirma que o “modelo dualista persiste e acompanha a liberação do corpo. [...] É a partilha entre homem e seu corpo” (idem, p. 240).

Deste modo, a negação de suas características individuais apresenta-se na subestimação das silhuetas. Quando os sujeitos são questionados – qual o corpo é o mais parecido com o seu? - a análise (figura 2) aponta uma adesão coletiva às silhuetas com média de IMC menor do que a média do IMC real. Isto se deu tanto na comparação da amostra total quanto entre grupos pareados, o que sugere a dificuldade em aceitar suas próprias características corporais em ambos os gêneros, mesmo que de forma subjetiva.

Partindo da segunda questão do protocolo – qual o corpo você gostaria de ter? – a comparação dos valores do IMC estimado e a do IMC real (figura 3) apresentaram média inferior para o primeiro em relação ao segundo. Esses resultados apontam certa aceitação a um padrão de corpo mais magro do que a média de IMC aferida no grupo. Pinheiro *et al* (2006) identificou que uma das questões relativas a insatisfação corporal em escolares com baixa-estima era o fato de se preocuparem com a opinião das pessoas mais próximas ao seu cotidiano.

Em sua pesquisa, Pinheiro e Giugliani (2006) identificam que 82% da amostra apresentou insatisfação corporal, sendo as principais causas a baixo-estima e o pensamento que familiares e amigos esperavam que fossem mais magros. Le Breton (2009) amplia essa questão apontada em uma perspectiva epistemológica, identificando o corpo como “etiqueta corporal”.

Como para as técnicas do copo, o aprendizado da etiqueta corporal, em amplitude e variações, depende muito pouco da educação formal. O mimetismo do ator e as identificações feitas em relação ao entorno imediato têm aqui papel preponderante. A extensão corporal da interação está impregnada de um simbolismo específico para cada

<sup>3</sup> Termo criado por Émile Durkeim, sociólogo, psicólogo social e filósofo francês na década de 60 e amplamente discutido e aprofundado por David Le Breton em sua obra *A Sociologia do Corpo* (2009).



grupo social e depende sobremaneira da educação informal, ténue demais para ser percebida e cuja eficácia pode, sobretudo, ser determinada. (LE BRETON, 2009, p.47)

Costa *et al* (2009) afirma que um padrão de beleza imposto aumenta cada vez mais a insatisfação com a imagem corporal e que as meninas apresentam maiores índices de insatisfação que os meninos. Esses índices podem justificar os resultados apresentados na estimativa do IMC tanto para a amostra ( $p=0,000$ ) quanto para o grupo feminino ( $p=0,001$ ) figura 4, em contra partida, o grupo masculino foi o único que não apresentou diferença significativa ( $p=0,083$ ).

O fato de os sujeitos se identificarem em silhuetas com IMC menor do que o IMC real para responderem à terceira questão do protocolo (qual o corpo ideal para pessoas da sua idade?) são justificados na literatura por Silva *et al* (2011, p.630) quando relata que a “pressão exercidas pela mídia no sentido da homogeneização de corpos pelos padrões de beleza leva indivíduos, especialmente adolescentes e mulheres”. Pereira *et al* (2009, p.262) também contribuem com a análise desse resultado, relatando que este mesmo veículo de informações “dissemina a idéia de uma perfeição corporal, na qual a magreza simboliza competência, sucesso e atração sexual, enquanto a obesidade representa a preguiça, autopiedade e menor poder de decisão e qualidade de vida”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade identificada pela pesquisa e evidenciada por literaturas anteriores confirma o quanto as relações socioculturais que atravessam e fundam o corpo em um determinado contexto interferem, ainda que de forma subjetiva, na formação da imagem corporal das crianças.

Esta pesquisa retoma os resultados anteriores de cunho qualitativo ratificando não somente a preferência por um padrão de corpo magro, mas uma regularidade na projeção de um corpo diferente e, por vezes, distante do seu. Esse comportamento tende a tornar-se um fenômeno global, conforme ganha espaço a veiculação de imagens globalizadas que circulam um estereótipo corporal em detrimento da diversidade étnico racial característica das culturas. Diante disso, as representações de corpo de crianças e adolescentes vinculam-se aos estereótipos de beleza amplamente divulgados pelas mídias, de forma naturalizada,



não reflexiva e cada vez mais cedo propagada no universo infantil. Este fato apresenta-se de forma mais incisiva, nesta pesquisa, no gênero feminino.

Campanhas educativas que incitem uma reflexão sobre o corpo e a dinâmica sociocultural e econômica no qual ele se insere poderiam orientar e esclarecer sobre conflitos que emergem da insatisfação com a imagem corporal. No âmbito da saúde pública, também consideramos relevante o olhar e a construção para políticas públicas que atentem para esse fenômeno, a fim de ações preventivas sobre uma série de problemas advindos da insatisfação e não aceitação corporal.

### Body Image Evaluation: projections between the real ideal and desired in elementary school students.

#### ABSTRACT

This study sought to evaluate the Real Body Image and Projected Image in 44 elementary school students through the silhouettes of scale for children (Kakeshita, 2008). Identified a statistical difference between genders, showing greater dissatisfaction among girls and indicating possible relations with the hegemonic standards body conveyed in a globalized way.

**KEYWORDS:** body image; media; body dissatisfaction.

### Imagen Corporal Evaluación: proyecciones dentre el real, ideal y deseado en estudiantes de escuelas primarias.

#### RESUMEN

El estudio evaluó la imagen corporal real y proyectada a 44 estudiantes de primaria de la escuela a través de las siluetas de escala para los niños (Kakeshita, 2008). Identificada una diferencia estadística entre los sexos, mostrando mayor insatisfacción entre las niñas y que indica posibles relaciones con el organismo de estándares hegemónicos transmitido de forma globalizada.

**PALAVRAS CLAVES:** imagen corporal; medios de comunicación; insatisfacción corporal



## REFERÊNCIAS

COSTA, T. M. B; LAUS, M. F; ALMEIDA, S. S. Insatisfação com a imagem corporal em adolescentes de escolas públicas e particulares. *Revista Nutrire*, vol. 34.p. 312-312. São Paulo, 2009.

KAKESHITA, I.S. Adaptação e validação de Escalas de Silhuetas para crianças e adultos brasileiros: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2008 (Tese- Doutorado em Psicobiologia).

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Campinas: Papyrus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Antropologia do Corpo e Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **A Sociologia do Corpo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

PEREIRA, Érico Felden et al . Percepção da imagem corporal de crianças e adolescentes com diferentes níveis socio-econômicos na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. **Rev. Bras. Saude Mater. Infant.**, Recife, v. 9, n. 3, p. 253-262, set. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-38292009000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292009000300004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 jun. 2014.

PINHEIRO, Andréa Poyastro; GIUGLIANI, Elsa Regina Justo. Body dissatisfaction in Brazilian schoolchildren: prevalence and associated factors. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 489-496, jun. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102006000300018&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102006000300018&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 jun. 2014.

SCHILDER, P. **A imagem do corpo**: as energias construtivas da psique. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SECCHI, Kenny; CAMARGO, Brigido Vizeu; BERTOLDO, Raquel Bohn. Percepção da imagem corporal e representações sociais do corpo. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 229-236, jun. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722009000200011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722009000200011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 jun. 2014.

SILVA, R. T. SAENGER, G. PEREIRA, É. F. Fatores associados à imagem corporal em estudantes de Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v.17 n.4, p.630-639, out./dez. 2011.

THOMPSON, S. H, CORWIN, S. J, SARGENT, R. G. Ideal body size beliefs and weight concerns of fourth-grade children. **International journal of eating disorders**. v. 21, p. 279–284, abr. 1997.